



Comunicação de  
Pesquisa

Estrabão

Vol. (4): 758 - 767

©Autores

DOI: 10.53455/re.v4i1.165



Recebido em: 01/08/2023

Publicado em: 31/12/2023

# Os estudos de gênero na Geografia Escolar: uma discussão com professoras do Ensino Médio em Mossoró/RN

## Gender studies in School Geography: a discussion with high school teachers in Mossoró/RN

Ana Beatriz Barros de Araújo <sup>1A</sup>, Maria José Costa Fernandes

### Resumo:

**Contexto:** O trabalho aborda o tema gênero na geografia escolar, focalizando a perspectiva de professoras de Geografia que atuam no Ensino Médio em escolas públicas de Mossoró/RN. **Metodologia:** Realizou-se um levantamento bibliográfico de textos que tratam das temáticas de gênero na Geografia Escolar. Posteriormente, uma entrevista foi conduzida com cinco professoras através de um formulário enviado via Google Forms, aplicado entre dezembro de 2022 e fevereiro de 2023. **Considerações Finais:** Os resultados mostraram que, embora os estudos de gênero na ciência geográfica tenham crescido nos últimos anos, a discussão ainda é inexpressiva nos cursos de formação de professores de Geografia. As escolas apresentam dificuldades em introduzir essa temática e o tema não tem sido significativamente debatido em sala de aula. Assim, torna-se urgente refletir sobre a omissão da geografia brasileira em relação a temáticas sociais como a de gênero.

**Palavras-Chave:** gênero, geografia escolar, ensino de geografia, população.

### Abstract:

**Context:** The work addresses the theme of gender in school geography, focusing on the perspective of Geography teachers working in high school at public schools in Mossoró/RN. **Methodology:** A bibliographic survey of texts dealing with gender themes in School Geography was carried out. Afterwards, an interview was conducted with five teachers through a form sent via Google Forms, applied between December 2022 and February 2023. **Considerations:** The results showed that, although gender studies in geographical science have grown in recent years, the discussion is still insignificant in Geography teacher training courses. Schools have difficulty introducing this theme and the topic has not been significantly debated in the classroom. Thus, it becomes urgent to reflect on the omission of Brazilian geography in relation to social themes such as gender.

**Keywords:** gender, school geography, geography teaching, population

<sup>1</sup> - Graduada em Geografia-Licenciatura pela UERN

A - Contato principal: beatrizbarr357@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Num cenário de reivindicações na sociedade e com o avanço do Movimento Feminista no meio acadêmico, levanta-se na década de 1970, uma onda de reflexões a respeito do parâmetro androcêntrico na produção do conhecimento científico e na invisibilidade epistemológica de mulheres na ciência.

O conceito de gênero, entendido como “a estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais” (Connel & Pearse, 2015, p. 48), passa a ser amplamente discutido. Segundo S. Silva (1998) “o fato é que ampliaram-se e, de reivindicações mais pontuais, passaram a questionar a própria cultura ocidental, incluindo desde o relacionamento privado homem-mulher até a própria ciência considerada comprometida com a visão masculina do mundo” (p.7).

Justamente quando, nas palavras de Rago (1998), “as feministas avançaram a crítica questionando a figura do sujeito unitário, racional, masculino que se colocava como representante de toda a humanidade” (p.91) surge à chamada Geografia Feminista e/ou de Gênero. Buscando romper com a neutralidade científica, esses estudos evidenciavam o gênero como categoria importante na leitura do espaço geográfico por compreender “que o espaço não é neutro do ponto de vista do gênero” (S. Silva, 1998, p. 108), e que as mulheres produzem e vivenciam-no de maneira distinta dos homens.

Contudo, embora a geografia brasileira tenha iniciado “seus estudos sobre gênero na década de 1970-1980, e atualmente ela tem sido cada vez mais trabalhada” conforme Campos et al. (2017, p. 83), quando analisamos o discurso geográfico brasileiro e “ao observar a produção da teoria geográfica e questionar a quem serve esta produção ou quem tem se beneficiado com o avanço da ciência, percebe-se que ela é, hegemonicamente, uma ciência masculina” (J. Silva, 2003, p. 31).

Reproduzido nos espaços universitários e currículos acadêmicos de formação de professores, a Geografia brasileira tem se pautado numa perspectiva androcêntrica e eurocentrada, na qual o gênero e sua interseccionalidade não têm sido significativamente discutidos, e “se o professor não possui uma formação que contemple a categoria gênero [...] dificilmente ele dedicará espaço de sua aula a este debate, até mesmo porque o livro didático não acena esta possibilidade” (Costa, 2011, p. 81-82).

Alguns nomes de destaque vêm delineando novas possibilidades para a Geografia nesse universo temático, “Rossini merece o reconhecimento e valorização, pois foi através dela que o caminho para o gênero na geografia foi se delineando; [...] as professoras: Joseli Maria Silva, Maria Franco García, Maria das Graças Silva Nascimento Silva, Susana Maria Veleda da Silva. E professores, como: Marcio Jose Ornat, Alides Baptista Chimin Junior, Benhur Pinós da Costa e Alecsandro J. Prudêncio Ratts, dentre outros” (Paula & Pedroso, 2020, p. 9), ainda assim, muitos esforços devem ser desempenhados para mudar esta realidade.

## METODOLOGIA

Na busca de apresentar uma discussão sobre o tema gênero no ensino de Geografia, foi realizada uma pesquisa do tipo qualitativa com cinco professoras de Geografia que atuam na rede pública de ensino do município de Mossoró/RN, no nível de Ensino Médio. Desse modo, primeiramente foi feito um levantamento bibliográfico de artigos e livros que falam sobre gênero, Geografia Feminista e de Gênero, e gênero na Geografia Escolar para o embasamento teórico do trabalho.

Refletido o recorte populacional, foi aplicado um questionário contendo 30 questões a professoras de Geografia entre os meses de dezembro de 2022 a fevereiro de 2023, abordando assuntos como, aspectos da desigualdade de gênero na formação inicial, a desigualdade de gênero no espaço escolar e o tema gênero na disciplina de Geografia.

Exercendo o papel docente nas seguintes escolas: Escola Estadual Professor José Nogueira, Escola Municipal Prof.<sup>a</sup> Celina Guimarães Viana, Escola Municipal Heloisa Leão de Moura, Escola Estadual José de Freitas Nobre, Escola Estadual Professor Abel Freire Coelho, Escola Estadual Professora Maria Stella Pinheiro Costa e o Centro Estadual de Educação Profissional Professor Francisco de Assis Pedrosa (CEEP), analisados os resultados do questionário, foi feita uma discussão sobre o tema gênero na Geografia Escolar.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A formação inicial de professores é significativa para que determinadas temáticas sejam introduzidas em sala de aula e no espaço escolar, por esse motivo, foram questionadas as professoras se a formação inicial no curso de Geografia contribuiu para que o gênero fosse alvo de debates e discussões. A partir da questão “durante sua formação, considera que o curso de Geografia se preocupou em trazer a discussão de gênero com os alunos, corpo docente e comunidade externa? (ex. em projetos de extensão, ensino, PIBIC, PIBID, palestras, eventos e etc.). Se sim, mencione quais ações foram realizadas”, foram obtidas as seguintes respostas (Figura 1).

**Figura 1.** Resposta das professoras se houve discussões sobre gênero no curso de Geografia.

P1	Não.	Não.
P2	Apenas a discussão em sala de aula.	Houve preocupações com a discussão, mas poderia ser mais enfática.
P3	Não lembro se houve.	Não lembro se houve.
P4	Não.	Algumas vezes.
P5	Não.	Não. O machismo e racismo ainda está muito forte dentro de nossas universidades, acredito que vem mais nelas que nas escolas. A universidade forma profissionais muitas vezes alheio da real necessidade da aplicação da lei 10649/2003, cada vez mais nos deparamos com professores tradicionais arraigados de práticas conservadoras e machistas.

Com formações obtidas nas instituições da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e Universidade do Estado do Ceará, entre os anos de 2005 a 2018, a leitura do primeiro quadro permite afirmar que, de maneira geral, no curso de Geografia, não houve iniciativas expressivas dentro das disciplinas curriculares, em projetos e programas formativos que tratassem a questão de gênero com os alunos universitários, atualmente, professores de geografia. De acordo com Campos et al. (2017):

Pensar na formação do professor é crucial. Os debates sobre gênero e toda a sua interseccionalidade precisam estar presentes dentro das salas de aula dos cursos de Licenciatura para ajudar na preparação dos futuros docentes sobre as demandas da sociedade e impedir que discursos de cunho machista sejam reprodutivos dentro das salas de aula (p.90).

Embora a Geografia Feminista e de Gênero tenha surgido próximo a Geografia Crítica, ainda na década de 1970, e seus trabalhos tenham crescido nos últimos anos, nos cursos de formação de professores de Geografia raramente são trabalhadas disciplinas voltadas ao tema gênero e são poucas as indicações bibliográficas femininas. J. Silva, et al. (2009), ao analisar o currículo de algumas das principais universidades no país, menciona:

Os currículos de graduação em Geografia não apresentam menção alguma sobre relações de gênero. [...] Ao analisar as ementas dos cursos, além de não haver qualquer referência às questões de gênero, outros aspectos são marcantes, como o sexismo presente na linguagem utilizada para descrever os conteúdos a serem ministrados em cada disciplina, e a masculinização das referências bibliográficas indicadas. (J. Silva, et al. 2009, p.55).

Conforme J. Silva et al. (2015), nos programas de pós-graduação, “nas indicações bibliográficas são escassas as indicações de obras femininas, com raras exceções. Os nomes femininos mais comuns encontrados nos programas das disciplinas foram os de Anne Buttimer e Doreen Massey” (p.18).

As narrativas historiográficas da ciência se perpetuam pelos currículos acadêmicos que são repetidamente populados por personagens históricos heroicos de determinados períodos e localidades. As narrativas históricas são internalizadas e reproduzidas incessantemente, até que, por força da tradição ritualística, a verdade inquestionável se estabeleça. (J. Silva et al., 2015, p. 188).

Apenas recentemente a temática vem sendo introduzida nos espaços universitários e eventos científicos, e se comparado a outros países, a geografia brasileira ainda é inexpressiva quanto à contribuição nessa linha de pesquisa. De acordo com Paula e Pedroso (2020):

Nos eventos científicos, congressos, simpósios, entre outros, raramente encontramos eixos de debates para trabalhos com estas temáticas, o que condiciona tais discussões ao tempo do recente, uma vez que a inclusão de grupos de trabalhos, os conhecidos GT's sobre gênero e sexualidades passaram a existir apenas em meados dos anos 2000 (p.8).

A invisibilidade do gênero na formação de professores de Geografia no país instiga um olhar atento à produção do conhecimento científico geográfico brasileiro, onde se observa a frequente categorização dessa temática como exclusiva as demais ciências sociais, o apego epistemológico a conceitos enraizados e pautados numa visão andocêntrica e eurocentrada e conseqüentemente, um pequeno número de pesquisadores dedicados a essa linha de pesquisa no país.

Diferentemente de outras ciências sociais que legitimaram as mulheres como importante universo temático, como a história, a psicologia, a antropologia e a sociologia, a geografia apresenta um pequeno número de pesquisadores com dedicação a esta temática no Brasil. (J. Silva, 2003, p. 9).

Nas considerações de J. Silva, et al. (2009, p. 50-51), embora as mulheres tenham tornado produtoras do conhecimento geográfico, a maioria produzem uma ciência parecida com a dos homens, seus trabalhos não recebem o mesmo reconhecimento e estas ocupam um menor número de cargos de poder em relação aos homens, elemento de peso nas decisões dos temas e trabalhos que recebem reconhecimento e são considerados geográficos.

Apesar da crescente feminização da Geografia brasileira, o discurso científico tem se mantido pouco permeável à expansão da compreensão das relações entre espaço e gênero. Tal impermeabilidade está alicerçada tanto na hegemonia masculina nos postos de poder como na reprodução da versão epistemológica androcêntrica e eurocentrada (J. Silva, et al. 2009, p. 39).

Para J. Silva et al. (2015), “podemos, com segurança fazer nosso pronunciamento no campo científico geográfico brasileiro de que o gênero não fez parte da análise geográfica pelo apego à tradição epistemológica e não pelo fato de que mulheres não sejam seres espaciais” (p.199). Dessa forma, reconhece que na Geografia predomina-se um discurso científico e modo de pensar geograficamente, com isso, temas que se desviam do discurso predominante, acabam sendo categorizados como temas não geográficos.

Impera um discurso científico, reconhece a existência apenas uma maneira de pensar a Geografia, descartando todas as outras formas de pensar geograficamente; em segundo lugar, a intolerância do mundo acadêmico em conviver cotidianamente com a diversidade de pensamentos; e por último, a limitação de pessoas, devidamente tituladas, em questionar epistemologicamente sua própria ciência quanto à produção de invisibilidade de vários grupos sociais. (Rosa et al., 2019, p. 7).

Nas considerações de Paula e Pedroso (2020), as diversas variáveis explicativas das desigualdades são

colocadas à margem pela Geografia, predominando um único modo de pensar visto pela luta de classes. A luta de classes explica as desigualdades no mundo, mas ignora-se outras formas de exclusão na sociedade, como a de raça, gênero, etnia e sexualidade, nas palavras do autor:

Embora a geografia crítica tenha sim proporcionado uma revolução conceitual e empírica de nossa ciência - o que nos aproximou de debates sociais significativos - não podemos negar que muitos geógrafos tratam as questões acima colocadas como secundárias, estando a luta de classes como o principal tema sobre o qual a geografia deve se debruçar (Paula & Pedroso, 2020, p.11).

O resultado disso é que não são construídas as bases necessárias para que professores possam dialogar em sala de aula questões fundamentais para a sociedade e formação cidadã de alunos.

Dessa forma, os temas transversais não perpassam os estudos geográficos, principalmente aqueles ligados a gênero. O que dificulta o avanço nos debates, pois os docentes não possuem formação para este fim, não tendo subsídios para fornecer uma instrução construtiva nas questões das diferenças. (Nascimento & Lira, 2016, p. 7).

Ao voltar o olhar para as escolas, percebe-se que esta tem papel fundamental na formação cidadã dos indivíduos ao promover iniciativas que fomentem o pensamento crítico e reflexivo sobre a sociedade, nesse sentido, também foram realizadas duas questões sobre a escola, a saber: “de maneira geral, o machismo e as diversas violências contra a mulher ainda estão presentes no ambiente escolar?” e “nas escolas em que trabalhou, foi possível observar interesse e ações por parte da gestão e/ou corpo docente de combate à desigualdade de gênero? Mencione quais iniciativas foram realizadas.”. As respostas foram as seguintes (Figura 2).

**Figura 2.** *Presença do machismo e/ou violências contra a mulher na escola/ ações da gestão e corpo docente.*

Professoras	Presença do machismo/violências contra a mulher na escola	Ações da gestão e corpo docente no combate a desigualdade de gênero
P1	Nas expressões cotidianas, muitas vezes ditas não preconceituosas, mas que são.	Sim. Utilizando-se das disciplinas eletivas para introduzir temas como feminismo e racismo.
P2	Sim, é ainda muito presente. É papel docente combater esclarecendo.	Pela gestão não.
P3	Percebo que a falta de respeito é um dos problemas que mais se sobressaem.	Não.
P4	Atualmente tem diminuído, porém ainda percebemos.	Algumas vezes a temática era abordada em algumas reuniões pedagógicas.
P5	Sim.	Não.

Observando a figura 2, é possível a compreensão de que, como espelho, a escola reflete os principais problemas enfrentados pela sociedade, portanto, não é incomum que práticas machistas venham a ocorrer nesse ambiente. Em contrapartida, quando questionadas sobre as ações das gestões e/ou corpo docente no combate a desigualdade de gênero na escola foi constatada a inexpressiva contribuição para este empasso.

Para Freire et al. (2021), na escola onde se devem debater as principais expressões de desigualdade, assim como se reproduzem concepções ultrapassadas, também se constituem um espaço rico para a formação crítica e humanizada.

Para se contrapor a esta lógica de subserviência aos interesses dominantes, a escola deve ter como premissa o diálogo crítico permanente com a dinâmica social e histórica, não se isentando de debater as expressões de desigualdade social e as múltiplas violências e opressões. (p.28).

Campos et al. (2017) na mesma linha de pensamento mencionam que na escola e disciplina de geografia, um dos objetivos é o de formar cidadãos conscientes de seus papéis na sociedade, inserir o tema gênero contribuirá para uma sociedade mais justa:

A escola e a geografia enquanto disciplina possuem um papel fundamental na formação de um cidadão ciente do seu papel na produção do espaço e suas relações entre homem e mulher, o debate sobre a questão de gênero nas escolas e salas de aulas vai contribuir para uma sociedade mais igualitária (p.86).

O machismo é uma questão cultural, e como descrita pela professora (P1) aparece “nas expressões cotidianas, muitas vezes ditas não preconceituosas, mas que são”, é nesse contexto que recursos como a própria linguagem pode ser utilizado para desnaturalizar concepções preconceituosas que inferiorizam mulheres e as subjugam em posições subalternas, ou melhor, os estereótipos de gênero.

O professor de Geografia é aquele que pode mostrar que a Geografia é transformadora da posição do estudante no mundo. Diferentemente das instensionalidades das geografias aprendidas fora da escola, à geografia do professor, por prerrogativa profissional, tem como finalidade a formação social do sujeito, seu desenvolvimento intelectual e existencial, situado socialmente no mundo. (Gonçalves et al., 2018, p. 7).

Não obstante, é preciso lembrar que a política brasileira tem manifestado problemática na introdução de um debate mais amplo sobre gênero nas escolas. Nos últimos anos tem se fortalecido movimentos de deslegitimação dos movimentos sociais, fundamentais para uma sociedade democrática. De acordo com Santos (2020):

Vivemos na política brasileira um movimento inverso de tentativa de destruição das temáticas de gênero e a sua desmoralização enquanto saber científico. Trata-se de movimento calcado em valores morais e religiosos que evidenciam que os debates surgidos têm causado incômodos para alguns. A estrutura patriarcal da sociedade se sente ameaçada quando as temáticas de gênero e as opressões e violências decorrentes são reveladas (pp. 234-235)

Nesse cenário, um conjunto de obstáculos ainda precisa ser enfrentado para que a questão de gênero venha a ser amplamente discutida no espaço escolar entre professores, alunos e profissionais da educação, pois mesmo que se construam concepções ultrapassadas a escola constitui-se o principal espaço para diálogo com jovens, crianças e adultos sobre temas cruciais na sociedade como o de gênero.

Apesar da formação das professoras no curso de geografia não ter contemplado a temático gênero, quando questionadas se “como professora, acredita ter um papel importante no combate à desigualdade de gênero? de que maneira?” e “já elaborou atividades dentro da disciplina de geografia ou eletivas voltadas à temática gênero e/ou movimento feminista?” as respostas foram mais otimistas, como demonstrado no próximo quadro (Figura 3).

**Figura 3. Respostas das professoras o papel do professor no combate a desigualdade de gênero e atividades desenvolvidas com essa temática.**

Professoras	Acredita ter um papel importante no combate à desigualdade de gênero? De que maneira?	Se já foram elaboradas atividades voltadas na disciplina de Geografia e/ou eletivas.
P1	Sim. No meu discurso, na maneira como apresento a geografia aos alunos.	Sim.
P2	Meu papel é de fortalecer esperanças, incentivar o conhecimento que emancipa.	Sim.
P3	Sim, com certeza. Todos os dias as mulheres mostram a sociedade do que são capazes e seu valor. Acredito que ao possibilitar espaços de debates, projetos são atividades que inspirem aos alunos a refletir sobre essa realidade.	Não.
P4	Sim, mostrando que podemos exercer qualquer papel na sociedade.	Sim, durante alguns conteúdos sempre procuro levar os estudantes a essa reflexão.
P5	Sim. Desconstrução de ideias historicamente mal contadas. Levar ao entendimento que são os jovens esclarecidos que podem constituir "famílias" desconstruídas, pois ninguém nasce racista e machista.	Sim. Discussão de gênero cabe em assuntos como População brasileira, planejamento familiar, taxa de natalidade; conceitos de paisagem, abordagem e estudo do corpo feminino; geopolítica, movimentos sociais; Mulheres cientistas e revolução técnica científica...

Analisando o terceiro quadro é possível afirmar que as professoras compreendem a importância do papel docente no combate à desigualdade de gênero e também mencionam ter elaborado atividades para discussão dessa temática. Descritas no plano das ideias, as maneiras encontradas para combater tal problemática resumem-se ao uso de discursos, na maneira de apresentar a geografia, em debates, projetos e na desconstrução de ideias.

Quanto às atividades elaboradas na disciplina de Geografia e eletivas, a maioria das respostas não foram esclarecedoras a respeito do tipo de atividade realizada, procedimentos metodológicos, recursos e resultados obtidos, quando mencionado, relata-se que as atividades acontecem articuladas a diferentes conteúdos da Geografia, dentro da Geografia da População e outros subcampos como a Geografia Política.

Em primeiro momento, é importante esclarecer que a problemática desigualdade de gênero é de responsabilidade de todos os indivíduos, não se restringe as mulheres e corpo docente, portanto, gestão escolar, governo e família devem estar amplamente envolvidos.

Sabemos que a escola reproduz as estruturas de poder, de privilégios e do patriarcado na sociedade. Diminuir o preconceito inerente a esse legado exige um esforço colaborativo e multifacetado entre as pessoas envolvidas com a escola. Não só o corpo docente, mas também família, estudantes, pessoal administrativo, profissionais da educação, além de instituições governamentais, podem investir para criar ambientes educacionais mais equânimes em relação à diversidade de gênero. (Rossini, 2020, p. 12).

Na disciplina escolar de Geografia, os estudos populacionais apresentam um arcabouço teórico rico para a discussão de gênero, contudo, esse conhecimento também pode ser trabalhado articulado a outros saberes. Além disso, introduzir a temática gênero em sala de aula exige um olhar crítico do professor sobre os materiais e bibliografia utilizadas, pois muito conhecimentos podem reproduzir estereótipos de gênero e conceituações que privilegiam a perspectiva dos atores hegemônicos, de acordo com Madrid (2019):

Ao que diz respeito à aproximação entre Geografia e gênero, é fundamental que docentes revisem a bibliografia que utilizam para construir as aulas, ao trabalharem com o livro didático sejam críticas/os, apontando, por exemplo, as lacunas de temas, as desigualdades de gênero, as invisibilidades das mulheres em todas as esferas, e essencialmente, percebam que todos os conteúdos de Geografia estão aptos para pautarem questões de gênero (p.187).

O livro didático constitui-se uns dos recursos essenciais em sala de aula, para G. Costa et al. (2019, p. 212) “nas escolas públicas brasileiras o livro didático é um dos recursos mais disponibilizados para o auxílio direto no trabalho docente, o que dá a ele caráter fundamental no processo de ensino e na formação dos

cidadãos”. Contudo, Eugenio et al. (2022) afirmam:

Sem reflexão crítica das abordagens destinadas às mulheres, portanto, o livro didático pode reproduzir o preconceito e a ideia de subjugação do feminino. Os conhecimentos e discursos provenientes dos livros didáticos podem contribuir na consolidação do sexismo, racismo e das desigualdades de gênero, ao passo que podem oferecer ferramentas potentes para uma abordagem crítica das questões de gênero no currículo escolar (p.15).

Alguns trabalhos tem se dedicado a analisar os livros didáticos de Geografia e sua relação com o gênero, especificamente no que diz respeito aos estudos das mulheres, na leitura de três obras distintas dos livros “O espaço natural e a ação humana”, a “Geografia do Brasil e do Mundo” e a “Geografia: noções básicas de geografia”, C. Costa (2011), chegou as seguintes considerações:

A primeira conclusão a que chegamos é a da ausência nos conteúdos destes livros do tema gênero; mesmo quando há uma referência ao papel da mulher na produção e no uso do espaço ela é feita de forma superficial, ficando sob a responsabilidade do professor a decisão de aprofundar ou não a temática (p.81).

Assim, pode-se concluir que, apesar de simbólico o posicionamento das professoras em relação ao papel docente no que tange a desigualdade de gênero, as respostas em torno das atividades desenvolvidas na disciplina escolar não foram esclarecedoras para se considerar o gênero como um tema presente na disciplina de Geografia, especificamente, das escolas públicas de Ensino Médio localizadas no município de Mossoró/RN.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A resistência em discutir temas como o gênero, resultado de fatores como, o apego epistemológico a concepções que privilegiam a perspectiva dos atores hegemônicos, a dominação masculina em cargos de poder e trabalhos de reconhecimento científico, a predileção as formas materiais do espaço, entre outros, nos permite afirmar que a Geografia brasileira trata-se de uma ciência andocêntrica.

Essas concepções permeiam os espaços acadêmicos onde são reproduzidas formas de ensinar e aprender Geografia, a qual o gênero não tem recebido o devido reconhecimento. A pesquisa apontou que, entre 2005 a 2018, a partir da perspectiva das professoras, não houve iniciativas para inserir a temática gênero na formação inicial nos cursos de formação de professores de Geografia dentro da UERN e UECE.

É de conhecimento que as “questões sobre gênero, tratando especificamente das mulheres, são mais aceitas e conseguem resultados melhores em relação à discussão da sexualidade ou da orientação sexual” como tem afirmado Ratts e Farias (2017, pp. 249-250), portanto, não se descarta a necessidade de abordagens envolvendo o gênero em toda sua dimensão, mas pretende-se fomentar as discussões já existentes.

Quanto a Geografia Escolar, o posicionamento das professoras em relação à questão da desigualdade de gênero é fundamental para que possamos pensar em iniciativas de debates na disciplina de Geografia e espaço escolar, ainda muito resistente a incorporação do gênero. Contudo, as respostas sobre as atividades desenvolvidas dentro da disciplina escolar de Geografia não foram esclarecedoras quanto aos métodos, materiais, resultados obtidos e dificuldades encontradas, por exemplo. Enquanto isso, o livro didático de Geografia, importante recurso de apoio pedagógico do professor, o gênero é pouco representado, tornando-se difícil considerarmos que esse tema tem sido significativamente discutido dentro da Geografia Escolar.

## CRÉDITOS

Ana Beatriz Barros de Araújo - Pesquisa de referencial bibliográfico; aplicação do questionário de pesquisa;



sistematização e análise dos resultados; produção textual.

Maria José Costa Fernandes - Pesquisa de referencial bibliográfico; elaboração do questionário de pesquisa; contato com os sujeitos pesquisados; revisão geral do texto.

## REFERÊNCIAS

- Campos, L. B., Davi, R. R., & Lemos, T. C. S. (2017, 19 a 20, julho). *Estudo de gênero no ensino de geografia*. [apresentação de trabalho]. 3º WORKSHOP DE GEOGRAFIA CULTURAL: O lugar e as disputas da cultura no espaço. Anais... UNIFAL, Alfenas, Minas Gerais.
- Costa, G. B. A., Lima, I. T. A., & Cunha, A. L. S. (2019). Representação de gênero no livro didático de geografia: alguns apontamentos. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, 9(18), 211-227. <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/618>.
- Costa, C. L. (2011). A presença e ausência do debate de gênero na geografia do ensino fundamental e médio. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, 2(2), 76-84. 10.5212/Rlagg.v.2.i2.076084.
- Connell, R., Pearse, R. *Gênero: Uma Perspectiva Global* (2015). Tradução e revisão técnica: Marília Moschkovich. (3ª ed., pp. 9-319). NVersos.
- Eugenio, B., Santos, R. R., & Jardim, S. R. M. (2022). Relações sociais de gênero no livro didático de geografia. *Revista de Estudos em Educação e Diversidade-REED*, 3(9), 1-17. <https://doi.org/10.22481/reed.v3i9.11284>.
- Faria, R. P. N., & Ratts, A. J. P. (2017). Estudo das disciplinas sobre gênero e sexualidade na formação inicial de professores e professoras de geografia. *Revista Latino Americana de Geografia e Gênero*, 8(2), 242-262. <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.8.i2.0012>.
- Freire, D., Cavalcanti, G., & Cisne, M. (2021). Mordaca na educação brasileira: reflexões crítico-feministas sobre o programa escola “sem” partido. In: Barroso, M. F. (Org.), *Violência contra as mulheres nas universidades* (pp. 21-35). EDUA/ Alexa Cultural.
- Gonçalves, A. R. (2018). Livro didático e disciplina de geografia: campos de conhecimento e atuação do professor de geografia. In: TONINI, I. M. et al. (Orgs.), *Geografia e livro didático para tecer leituras de mundo* (2ª ed., pp. 7-13). Oikos. <http://hdl.handle.net/10183/214726>.
- Madrid, C. (2019, 29 de junho a 4 de julho). *Gênero como conteúdo nas aulas de geografia na educação básica* [Apresentação de trabalho]. Anais... 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias- ENPEG, Unicamp, Campinas- São Paulo, 181-191.
- Nascimento, L. S., & Lira, S. M., (2016, 16 a 18 de novembro). *Geografia e gênero: análise de estudos correlativos*. [Apresentação de trabalho]. II Congresso Internacional de Educação Inclusiva-CINTEDI, Campina Grande, Paraíba. <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visuali->

zar/22974.

- Paula, L. A. C., & Pedroso, M.F. (2020). Gênero em espacialidades geográficas: trajetórias e coetaneidade. *Geografia em Atos*, 1(16), 5-19. 10.35416/geoatos.v1i16.7341.
- Rago, M. (1998). Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, (11), 89-98. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634465>.
- Rosa, M. A., Marinho, M. D. C., & Carneiro, J. D. P. L. (2019). *As contribuições do estudo de gênero e sexualidade para a geografia*. [Apresentação de trabalho]. VI Congresso Nacional de Educação-CONEDU, Anais... Campina Grande: Realize Editora. <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/59183>.
- Rossini, R. E. (2020). Entrevista com Rosa Ester Rossini. *Revista Rural & Urbano*. 5(2), 301-326. <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2020.248730>
- Santos, R. A. (2020). Mulheres e Geografia—reflexões pertinentes? *Geografia em Atos*. 3(18), 227-242. <https://doi.org/10.35416/geoatos.v3i18.7965>.
- Silva, J. M. (2003). Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. *Revista de História Regional*, 8(1), 31-45. <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2167.%20Acesso%20em:%204%20ago.%202023>.
- Silva, J. M., Cesar, T. R. A., & Pinto, V. A. M. (2015). Gênero e geografia brasileira: uma análise sobre o tensionamento de um campo de saber. *Revista da ANPEGE*, 11(15), 185-200. <https://doi.org/10.5418/RA2015.1115.0007>.
- Silva, S. M. V. (1998). Geografia e gênero/geografia feminista- o que é isto? *Boletim gaúcho de geografia*, 23(1), 7-144. <http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38385>.
- Silva, J. M., Junior, A. B. C., Filho, E. P., Rossini, R. (2009). GEOGRAFIA E GÊNERO NO BRASIL: uma análise da feminização do campo científico. 3(2), 38-62.